



Transformações técnicas das lutas sob uma óptica da História Social: o boxe inglês entre os séculos XVIII e XIX

Technical transformations of fighting from a Social History perspective: the english boxing between the eighteenth and nineteenth centuries

Fabício Pinto Monteiro

Doutor em História

Universidade Federal de Uberlândia

fabriciomonteiro@bol.com.br

Recebido em: 29/04/2017

Aprovado em: 18/09/2017

RESUMO: O objetivo central deste artigo é discutir como a História Social pode contribuir com as pesquisas sobre as transformações técnicas de formas de luta no tempo. As mudanças sofridas pelo boxe inglês ao longo dos séculos XVIII e XIX são utilizadas para concretizar tal debate, que enfatiza como a compreensão das elaborações mais amplas das relações sociais são fundamentais para compreender-se também construções técnicas daquelas artes.

PALAVRAS-CHAVE: Boxe, Lutas, História Social.

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss how social history can contribute to research on the technical transformations of fighting systems over time. The changes undergone by English Boxing throughout the eighteenth and nineteenth centuries are used to materialize such a debate, which emphasizes how the understanding of the broader elaborations of social relations are fundamental to understand technical constructions of those arts too.

KEYWORDS: Boxing, Fighting, Social History.



Introdução

O objetivo central desse artigo é levantar pontos de reflexão sobre a historicidade das construções técnicas de modos de luta, neste caso um sistema de autodefesa consolidado como um esporte de combate, utilizando-se para isso as transformações do boxe na Inglaterra, e em menor medida nos EUA, ao longo dos séculos XVIII e XIX. O foco da problematização será como diferentes golpes e movimentação dos lutadores, ritmos de combate, formas de treinamento, novas regras e limites para as lutas relacionam-se a transformações mais amplas nos *sentidos sociais* que tais formas de luta adquirem ao longo do tempo, tanto para praticantes como para toda rede de relações de indivíduos envolvidos socialmente naquelas práticas.

Afirmado de modo mais preciso, a historicidade dos modos de lutar (esportivamente ou não) em seus aspectos técnicos caminha unida às constantes construções de sentidos éticos e estéticos na sociedade. Não se separa de relações de tensão entre diferentes grupos sociais – em que os conflitos podem mostrar-se mais ou menos evidentes –, de interesses econômicos e estratégias de poder de diferentes indivíduos e instituições. É sob esse sentido mais geral de inspiração em algumas formas de análise e problematização que a História Social é apontada como orientação historiográfica para as discussões tecidas nesse artigo, sem, entretanto manter como paradigma ou amarra temas e conceitos que se tornaram “clássico” em sua formação, como a “industrialização” ou a “luta de classes”.¹

A decisão de utilizar o boxe inglês para questionar essa historicidade social ocorreu por dois motivos: pragmaticamente, é uma forma de luta muito bem documentada em suas mudanças técnicas, nas formas de praticá-lo. Muito mais do que outras modalidades europeias de luta desarmada da mesma época, como o *wrestling* e o *savate* francês ou que qualquer arte marcial oriental chinesa ou japonesa, por exemplo. Desde 1747, quando o primeiro manual foi publicado em Londres pelo Capitão John Godfrey, literalmente dezenas de tratados e livros foram destinados a ensinar e discutir as técnicas de luta, formas de treinamento e regras do boxe ao longo de mais de duzentos anos.² Obviamente, cada uma destas obras carrega diferentes sentidos

1 Que certamente possuem imenso valor historiográfico. Aponto apenas que, eurísticamente, não são adequados para as problematizações deste artigo. Discuti um pouco sobre o tema em MONTEIRO, Fabrício. A construção da “teoria” social como construção de relações sociais: o materialismo histórico de Mikhail Bakunin. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v.1, n.48, p. 239-282, jan./jun. 2013. Remeter também aos bem conhecidos HOBSBAWN, Eric. Da história social à história da sociedade. In: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 e THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004 (3 volumes).

2 GODFREY, John. **A treatise upon the useful science of defence, connecting the small and back-sword...** London: T. Gardner, 1747. O levantamento feito para essa pesquisa abrange cerca de vinte manuais destinados ao autoaprendizado do leitor, do século XVIII às primeiras duas décadas do século XX. Parte deles será citada e discutida ao longo do texto.



sociais que serão discutidos quando conveniente.

A segunda motivação para a escolha do boxe inglês como objeto de problematização é a riqueza dos meandros sociais percorridos ao longo do lapso cronológico selecionado. Como será discutido ao longo do artigo, ele adquiriu diversas facetas junto a usos e significados sociais construídos muitas vezes de forma conflituosa: uma útil arte de autodefesa para cavalheiros; fonte viva de coragem e amor à nação britânica em uma época de conquistas e disputas internacionais; espetáculo para multidões e, conseqüentemente, um grande negócio a se investir; uma forma menos violenta de se resolver questões de honra que a esgrima ou as pistolas; um meio de exercitar-se e manter a saúde frente a fraqueza ou a “corpulência”...

De uma prática de diversão popular de classes trabalhadoras e meio de resolver-se querelas na comunidade, entre idas e vindas, o boxe foi aclamado por alguns como “ciência” a ser respeitada ou execrado como prática selvagem e brutal a ser combatida pelo poder público. A crueza das *prize fighting* (lutas premiadas) e seus combates de mãos nuas patrocinados pela aristocracia britânica com prêmios e apostas generosas, conviveu em parte do período estudado com as inovações de regras e equipamentos de segurança (como as luvas), destinadas a evitar ferimentos e escoriações e, assim, atrair à prática cavalheiros, ou mesmo damas, “respeitáveis”³.

É nesse sentido que uma questão conceitual merece ser exposta. Neste artigo, o boxe é tratado através de títulos conscientemente “vagos” e de conotação mais livre, como “sistema de luta”, “forma de luta” ou “modo de luta” quando, em especial no campo da Educação Física e do Esporte, considera-se que uma classificação mais precisa para ele seria “esporte de combate” ou “modalidade esportiva de combate”.⁴ Entretanto, é preciso ter clareza do caráter historiográfico desta pesquisa, para a qual a fixação de um conceito *a priori*, que supostamente poderia balizar e clarificar a discussão, terminaria por eliminar a historicidade da prática do boxe no período estudado, socialmente longe de se limitar a um “esporte”.⁵

3 Thomas Hoyer Monstery (1824-1901), soldado e mercenário dinamarquês que montou uma *School of Arms* em Nova Iorque em 1888 mantinha duas turmas femininas de boxe. Atrizes famosas da época, como Mildred Holland, Adah Isaacs Menken e a controversa Lola Montez foram suas alunas. MONSTERY, Thomas. **Self-defense for gentlemen and ladies: a nineteenth-century treatise on Boxing, Kicking, Grappling, and Fencing with the cane and quaterstaff**. Berkeley: Blue Snake, 2015 [originalmente publicado como *Physical education for gentleman*, de forma seriada na revista *The Spirit of the Times*, Nova Iorque, em 1877].

4 Ver sobre esse tema, entre outros, CORREIA, Walter; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, jan./mar. 2010; PAIVA, Leandro. Lutas, artes marciais ou modalidades esportivas de combate? In: _____. **Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate**. Manaus: OMP, 2015.

5 GONÇALVES, Arisson; SILVA, Méri. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 657-671, jul./set. 2013, p. 659-661. Em caráter historiográfico mais amplo, KOSELLECK, Reinhart. **Futuro**



É verdade que as transformações técnicas discutidas ao longo desse artigo dão-se junto a um processo de, na falta de termo melhor, “esportivização” do boxe através de um discurso de transformação de uma prática rústica em alegada *ciência*. Entre seus variados usos sociais nos séculos XVIII e XIX em terras britânicas, ganha grande destaque sua promoção como método de autodefesa para enfrentamento da crescente violência urbana, quando “*science of self-defense*” torna-se um sinônimo de “*boxing*” e “*pugilism*”.⁶ A partir do século XX ele ganha um sentido hegemônico de esporte de contato, bem moldado por regras, medidas de segurança para os praticantes e eficiência racional em suas táticas de luta e técnicas em geral. Apenas a partir dos primeiros anos dos 1900, esse sistema de luta (praticamente) não figura mais como *ciência de autodefesa*, sendo chamado apenas *pugilismo* ou *boxe*.⁷ Trata-se, assim, de um processo repleto de riqueza histórica, que não pode ser cristalizado através de um conceito que também é datado e possui sentidos sociais específicos, como “modalidade esportiva de combate”⁸

O pugilismo “científico” - muitas vezes tratado também como “arte” -, carregaria em si as características éticas necessárias para seu bom uso pelo respeitável *gentleman* inglês: eficiência e elegância. Importante destacar como esse boxe como forma de luta científica, persistente nos 1800 e em declínio ante o boxe “esporte” com o avanço do século XX, não seria mais acessível a todos. “Selvagens” e os “rufiões” não seriam capazes de enfrentar tecnicamente o nobre pugilista das classes médias ou aristocráticas (mesmo que o boxe tenha reconhecidamente surgido entre as classes populares – esse será um dado importante para discutirmos esse processo de transformação técnica e social da luta), pois não teriam a capacidade compreensiva e o

passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006, p.97-98. Ver também a discussão sobre formação do campo de pesquisa do *Martial Arts Studies*, incentivado por Paul Bowman e Benjamin Judkins, cuja revista já apresentou diferentes artigos envolvendo essa problemática. Disponível em: <<http://masjournal.org.uk/>>. Acesso em: 05/01/2017.

6 Em afirmações exaustivamente repetidas em livros de instrução do século XIX, todo cavalheiro deveria ser capaz de se defender de ofensas e agressões de “rufiões” e “desordeiros” que assolavam as ruas das maiores cidades inglesas e norte-americanas. JAMES, Ed. **The complete handbook of boxing and wrestling; with full and simple instructions...** New York: Ed James, 1878; ANÔNIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...** London: M. Follingsby/M. Smith, 1788, p. VI; EGAN. **Boxiana; or sketches of ancient and modern pugilism, from the days of the renowned Broughton and Slack...** London: George Virtue/Ivy Lane, 1830 (vol.1), p. 9; MONSTERY. **Self-defense for gentlemen and ladies;** Introduction, p. 1.

7 Segundo levantamento geral da documentação utilizada para essa pesquisa e citada ao longo do texto.

8 Ainda no século XVIII, segundo Ruti Ungar, “preparar as baixas ordens para a guerra” teria sido a principal motivação do rei George I em mandar erguer um ringue de uso público no Hyde Park (Londres) em 1723, que deu grande impulso às lutas na época. UNGAR, M. **The boxing discourse in Late Georgian England. 1780-1820: a study in civic humanis, gender, class and race.** 194f Tese (Doutorado em Filosofia) - Universitat zu Berlin, Eingereicht an der Philosophischen Fakultät, Berlin, 2010. p. 23-24. O discurso da promoção da coragem e do caráter de orgulho e defesa nacional inglês através do boxe foi muito forte também no século seguinte. Entre vários outros: EGAN, Pierce. **Boxiana;**p. V-VI e p. 2-4 e SWIFT, Owen. **The hand-book to boxing; being a complete instructor in the art of self-defense...** London: Nicholson, 1840, p. 4.



autocontrole necessário para dominar a verdadeira *science of self-defense*.⁹

Aristocratas, burgueses e trabalhadores: ascensão social e uma nova ética para o boxe

A primeira luta de boxe organizada que temos noticiada na imprensa, no caso o jornal londrino *The Protestant Mercury*, ocorreu em 1681 na presença do Duque de Albemarle (Henry FitzJames, filho ilegítimo do Rei James II), sendo o vencedor, um açougueiro.¹⁰ É uma luta importante, não exatamente pelo combate em si, mas por fornecer o primeiro indício de como o pugilismo começou a ser considerado relevante àqueles que tinham maior possibilidade de colocá-lo em registro escrito.

Evidentemente, a prática do boxe não se inaugurou entre os ingleses com aquela luta.¹¹ Há evidências de combates com os punhos e bastões na ilha desde o século XIII entre as classes populares e no século XVII estava entre os passatempos rurais da população que, como a briga de galos, chegou a ser proibido pelos puritanos do governo de Oliver Cromwell.¹² Entretanto, não há detalhes documentados sobre como seriam essas práticas, pois as classes letradas, até o momento, mantinham-se afastadas delas. Como o açougueiro vitorioso na luta noticiada no jornal, a maior parte dos boxeadores daquele momento eram profissionais de trabalho predominantemente pesado ou braçal, como carregadores, marinheiros e ferreiros.¹³

Aquele foi o início da ascensão das lutas de boxe como “*prize fighting*”, quer dizer, os combates eram arranjados como um jogo de apostas que rendiam prêmios ao vencedor.¹⁴ A partir principalmente do século XVIII, cada vez mais lutadores das classes trabalhadoras eram atraídos pela possibilidade de ganho em dinheiro, mesmo com os riscos inerentes os confrontos com

9 WOOD, Ira. **Boxing for skill and health**. New York: Physical Culture Publishing, 1901, p. 10 e FITZSIMMONS, Robert. **Physical culture and self-defense**. London/Philadelphia/San Francisco: Drexel Biddle, 1901, p.62-63.

10 BODDY, Kasia. **Boxing: a cultural history**. London: Reaktion Books, 2008, p. 26. O jornal citado circulou entre 1696 e 1700, editado por J. Dawks.

11 Considerando, é claro, a historicidade do pugilismo. As formas da prática da luta de mãos inglesa foram se transformando desde o mencionado século XIII, mas mantenho de um modo um tanto genérico a palavra “boxe” para referir-me a elas em nome da clareza e fluidez da escrita.

12 BODDY. **Boxing**, p. 26.

13 _____. **Boxing**, p. 26 e UNGAR. **The boxing discourse in Late Georgian England. 1780-1820**, p. 29. Vários boxeadores da época levavam ao ringue apelidos relativos às suas profissões de origem, como Thomas King, “The Fighting Sailor”; Tom Lyons, “The waterman”; George Taylor, “The Barber”; George Millsom, “The Baker”; Jack Slack, “The Norfolk Butcher”; William Stevens, “The Nailer” etc. GRASSO, John. **Historical dictionary of boxing**. Lanhan: Rowman & Littlefield, 2013, p. 477-479.

14 As *prize fighting* não se restringiam ao boxe. Outras modalidades de luta também tornaram-se espetáculos públicos sustentados pela disputa de prêmios e redes de apostas neste e no século seguinte. É o caso do *wrestling* (luta livre) e combates com *quarterstaff* (bastão longo), *cudgelling* (bastão curto) e *backsword* (sabre).



poucas regras e limitações. Foram surgindo, assim, os primeiros pugilistas profissionais.¹⁵

Aos poucos, essa possibilidade de uso o boxe estendeu-se em uma nova rede de relações sociais e novos sentidos para as pessoas envolvidas em sua prática, direta ou indiretamente. Talvez mais importante que os prêmios pagos, o pugilista que conseguisse construir uma carreira minimamente estável e favorável entre vitórias e derrotas podia encontrar no boxe uma fonte de prestígio e renda após sua aposentadoria. Após se retirar das arenas, uma das metas almejadas por muitos lutadores ingleses do século XVIII era abrir uma taverna, que pelo renome de um proprietário campeão poderia atrair clientes de diferentes partes da cidade ou até turistas de outros locais. Muitos ringues e escolas de boxe foram instalados nos fundos de *pubs*.¹⁶ Até o século seguinte ainda podemos encontrar afirmações como a de Owen Swift (1814-1879) que os melhores ginásios de boxe seriam aqueles construídos anexo às tavernas.¹⁷

Retomando aquele primeiro combate mencionado, de 1681, a presença do Duque de Albemarle é significativa. Especialmente a partir do século seguinte, alguns membros das classes aristocráticas e médias (“burguesas”, digamos) começam *publicamente* a manifestar interesse e apoio à realização dessas lutas antes típicas dos segmentos trabalhadores. Essa aproximação – seja como espectadores, patrocinadores ou praticantes – não deixava de ser polêmica e até certo ponto arriscada à reputação de figuras “respeitáveis” da nobreza e classes abastadas, como podemos perceber através do alerta do autor anônimo de um manual do século XVIII ao desencorajar seus leitores a procurarem diretamente uma escola de boxe para aprender a luta:

the professors or masters of this art are for the most part ignorant, illiterate, unintelligent men, who are totally unacquainted with politeness or elegance of expression; so that all the initiated pugilist can have for his loss of time, great expence, and disagreeable mixing with some of the lowest and most depraved part of the community is, a dumb art of manoeuvring, without a single term of technical knowledge, either to judge form himself, or to apply to his antagonist at the most trying time of his manhood¹⁸!

Nas palavras do autor anônimo de *The complete art of boxing* (1788), “the science of Boxing

15 UNGAR. **The boxing discourse in Late Georgian England. 1780-1820**, p. 8 Nos EUA, os primeiros boxeadores profissionais foram negros livres, como o célebre Bill Richmond, “The Black Terror” (1763-1829). BODDY. **Boxing**, p. 44. No Brasil, o boxe teria chegado por volta da década de 1910, com exposições de marinheiros europeus e é exatamente pelos trabalhadores ligados aos portos que surgem os primeiros lutadores do país. CARATTI, Jônatas. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920) **Revista Latino Americana de História**. Vol. 1, nº 3, p. 508-524, março de 2012, p. 510.

16 BODDY. **Boxing**, p. 52.

17 SWIFT. **The hand-book to boxing**, p. 16-17.

18 “...os professores ou mestres dessa arte são, em sua maioria homens ignorantes, analfabetos, não inteligentes, que não conhecem a polidez ou a elegância na expressão. Sendo assim, todo o pugilista iniciado pode ter perda de tempo, grande despesa e um desagradável envolvimento com algumas das partes mais baixas e depravadas da comunidade; é uma arte burra de manobrar, sem um único termo de conhecimento técnico nem forma de julgar a si mesmo ou de aplicar [as técnicas] em seu antagonista no momento de teste de sua hombridade!” ANÔNIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. VI



is now become so fashionable, that some of the first personages in the kingdom are known to patronize it”¹⁹. Aos poucos, alguns aristocratas, mas principalmente membros das classes médias, passariam além de assistir e fazer apostas nas lutas, também praticá-las, o que levaria à transformações importantes no boxe, como o uso de luvas para treinamento e, depois, para a luta em si – essas questões serão discutidas adiante.

Pode-se localizar cronologicamente a primeira metade dos anos 1700 como o período em que, de maneira mais forte, parte dos trabalhadores, classes médias e nobreza britânica passaram a dividir aparentemente o mesmo apreço pelo boxe. Contudo, as redes de relações sociais construídas por eles estavam longe de possuir os mesmos sentidos ou a mesma equivalência em termos de influência social. Alguns membros da aristocracia, grandes comerciantes e representantes da *landed gentry* inglesa, através do patrocínio direto a lutadores, manutenção de arenas, *pubs* e gerenciamento de sistemas de apostas tiveram um peso decisivo nas transformações da prática do pugilismo. Soma-se ainda a influência política e jurídica direta dos mesmos, essencial a um tipo de espetáculo público que ainda sofria grande oposição de parte da sociedade, com acusações de incitar a violência e crimes²⁰.

Junto aos discursos nacionalistas, afirmando o boxe como uma luta inglesa por excelência (face, por exemplo, a esgrima francesa e os punhais espanhóis), fonte de coragem e hombridade para a população, é inegável que o lucrativo negócio gerado pelas apostas dos *prize fighting* despertou o interesse de alguns para investirem em atletas, ringues, publicidade e notícias esportivas, além dos os mencionados bares.²¹

Kasia Boddy defende que as largas somas envolvidas nos sistemas de apostas (incluindo as premiações aos lutadores) foram motivadores essenciais para o surgimento das primeiras formas de codificação de regras às lutas de boxe.²² De fato, é um indicativo importante que entre os sete artigos das regras de Jack Broughton (1703/04-1789), divulgadas em 1743 e tidas como a primeira tentativa de fixar o que era permitido ou proibido na arena de boxe, um trate diretamente da divisão do dinheiro entre os lutadores, que deveria ser feita sobre o ringue, às

19 “A ciência do Boxe tornou-se agora tão elegante, que alguns dos principais personagens no reino são conhecidos por patrociná-lo”. _____. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. V.

20 “esta aparência de igualdade e sua retórica igualitária não se sustenta; o boxe foi de fato baseado em um sistema de patrocínio com uma clara estrutura hierárquica”. UNGAR. **The boxing discourse in Late Georgian England. 1780-1820**, p. 27-28.

21 BODDY. **Boxing**, p. 29 Os jogos e lutas de apostas eram extremamente populares na Inglaterra da época; além do boxe, as brigas de galo também frequentemente vinculavam-se às tavernas e faziam circular muito dinheiro. Ver MIDDLETON, Iris. Cockfighting in Yorkshire during the early eighteenth century **Northern History**.Vol. 40, p. 129-146, 2003.

22 BODDY. **Boxing**, p. 29.



vistas de todos (Regra V).²³

Pode-se imaginar a frequência das discordâncias quanto ao andamento justo e ao resultado das lutas, com a conseqüente exaltação dos ânimos de apostadores e apoiadores de tal ou qual competidor, através de regras que hoje pareceriam desnecessárias de serem explicitadas. Por exemplo, Broughton faz questão de destacar a proibição de outras pessoas permanecerem no ringue ao iniciar-se a luta.²⁴ Ou ainda: excetuando nocautes evidentes, somente o próprio técnico (“*Second*”) do boxeador (e não o técnico adversário ou qualquer outra pessoa) poderia anunciar que ele não teria mais condições de lutar.²⁵

O apoio financeiro e político de segmentos mais abastados da sociedade parece ter sido decisivo para o boxe naquele momento, sendo praticamente um consenso entre autores dos séculos XVIII e XIX – incontestados por pesquisadores atuais – a existência de “ondas” de ascensão e declínio do prestígio social do pugilismo na Inglaterra entre nobres e classes médias. Essas alternâncias abruptas ocorreriam ao longo dos 1700 e seriam mais estabilizadas a partir dos anos 1800.

Após a ascensão inicial de 1710-1740, o primeiro vale surgiria entre as décadas de 1750 e 1780, com início marcado pela derrota de Jack Broughton para Jack Slack (??-1768) em 10 de abril de 1750, cegado temporariamente por um soco entre os olhos após 14 minutos de luta. O Duque de Cumberland (1721-1765) (Príncipe William Augustus, filho do rei George II), patrono de Broughton, assistia a luta:

The Duke of Cumberland, his stanch supporter upon all occasions, never could speak of this transaction with any degree of temper, declaring, that *he* [Broughton] *had been sold*, and nothing could persuade him to the contrary, being só firmly persuaded that *Broughton* was every way so superior to *Slack*. His Royal Highness instantly turned his back upon him, and, by the interference of the Legislature, his Amphitheatre was shut up. *Broughton* never fought again²⁶.

23 BROUGHTON, J. Broughton Rule's In: GRASSO. **Historical dictionary of boxing**, p. 497. Inicialmente feitas para seu próprio *Amphitheatre*, sua escola de pugilismo, as regras do boxeador Jack Broughton chegaram também a ser usadas em outros ringues até a publicação das mais detalhadas e universais *London Prize Ring Rules*, da *Pugilistic Society*, em 1838.

24 Artigo III: “[...] Everybody is to quit the Stage assoon as the Champions are stripped, before the set”. BROUGHTON. Broughton Rule's In: _____. **Historical dictionary of boxing**, p. 497.

25 Artigo IV: “That no Champion be deemed beaten, unless he fails coming up to the line in the limited time, or that his own Second declared him beaten.” BROUGHTON. Broughton Rule's In: GRASSO. **Historical dictionary of boxing**, p. 497.

26 “O Duque de Cumberland, seu partidário em todas as ocasiões, nunca mais falaria dessa relação com qualquer grau de calma, declarando que ele [Broughton] fora vendido e nada poderia convencê-lo do contrário, estando firmemente convencido de que Broughton era em todos os sentidos superior a Slack. Sua Alteza Real imediatamente virou as costas para ele, e, por interferência do Legislativo, seu Anfiteatro foi fechado. Broughton nunca lutou novamente.” EGAN. **Boxiana**, p. 59. Ver ainda BODDY. **Boxing**, p. 37 e ANÔNIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. 79.



Aos olhos atuais, a situação particular de um nobre, contrariado por uma derrota de seu protegido, ser capaz de iniciar o declínio do boxe por décadas na Inglaterra pode parecer exagero. Entretanto, é necessário levarmos em conta que a situação social do pugilismo até o século XIX era extremamente instável, abalada constantemente pelas disputas entre apoiadores e detratores, travadas seja no plano intelectual – com debates através de artigos nos jornais, livros, palestras e discursos – e também político, especialmente entre legisladores e magistrados.

Os autores dos manuais dos séculos XVIII e XIX citados nessa pesquisa ocuparam-se da defesa da prática do boxe na Inglaterra e EUA utilizando-se dos argumentos da promoção da coragem, de uma alternativa menos violenta para resolverem-se disputas que o duelo armado, um meio eficaz de autodefesa nas ruas, e, a partir dos 1800 (mas de forma mais evidente no século XX) um exercício físico para a promoção da saúde. Os questionamentos a essas ideias enfatizavam o “barbarismo” das *prize fighting*, impensável em países já civilizados. Soma-se o incentivo à violência e à falta de vontade de trabalhar, o vício em apostas e outros problemas relativos a crimes ocorridos nos eventos, como furtos e assaltos.²⁷ Destaca-se nesses últimos argumentos a ênfase nas origens populares do boxe, surgido entre “tribos de vagabundos”, “preguiçosos”, “ladrões” e “iletrados”²⁸.

Com esses embates e a inexistência de leis que regulamentassem as *prize fighting*, seja proibindo ou garantindo o direito a sua realização, aqueles que sobreviviam da crescente rede econômica que passou a envolver o boxe ou simplesmente o apreciavam, buscavam apoio pessoal, moral e político, em figuras influentes da magistratura e do corpo legislativo de Londres. A dedicatória de algumas obras a determinados membros da nobreza inglesa demonstra-nos parte desse jogo extremamente instável, como percebemos no ocorrido entre o Duque de Cumberland e Jack Broughton.²⁹

Após esse evento, ainda seguindo certo consenso historiográfico nas obras consultadas, o boxe só retomaria mais evidência social entre as classes abastadas - e, com isso, retomaria a rede

27 Entre os registros dessas vozes de oposição, podemos citar a carta do Reverendo Edward Barry aos deputados britânicos em 1789 (BARRY, Edward. **A letter on the practice of boxing, addresses to the King, Lords and Commons**. London: A. Grant/J. Bew/ Smith & Co., 1789.) e o discurso de William Vasey em um debate público em 1824. (VASEY, William. **Remarks on the influence of pugilism on morals...** Newcastle: T&J Hodgson, 1824).

28 VASEY. **Remarks on the influence of pugilism on morals...**, p. 12 e 5. Não nos aprofundaremos na discussão conceitual por afastar-se da problemática principal do artigo, mas podemos pensar tais relações de transformação social do boxe, em que sua prática “científica” envolvendo sentidos de eliminação da violência mais crua e do “barbarismo” através de regulamentação e promoção do autocontrole dos lutadores, como parte de um “processo civilizador” mais amplo da sociedade inglesa da época, no esteio das considerações de Norbert Elias. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (2 vol).

29 Ver, por exemplo, a dedicatória de Owen Swift de seu livro ao Marquês da Normandia (SWIFT. **The hand-book to boxing**, p. 3) e de Pierce Egan ao Lorde Panmure (EGAN, Pierce. **Every Gentleman's Manual: a lecture on the art of self-defense**. London: Flintoff, 1851, p. III (dedicatória originalmente escrita em 1845).



econômica de negócios, trabalho e serviços gerada pelos espetáculos das *prize fighting*, bem como o prestígio social de seus praticantes e apreciadores – com o destaque de um novo paradigma de lutador, representado particularmente por Richard Humphries (1760-1827).³⁰ Para Pierce Egan, autor de uma das primeiras obras historiográficas mais abrangente sobre o boxe moderno, *Boxiana*, publicada originalmente em quatro volumes entre 1813 e 1824, a luta de Humphries contra Samuel Martin (??-??) em 3 de maio de 1786 foi o gatilho para a saída do boxe do ostracismo após a derrota de Broughton em 1750.³¹

Egan apresenta-nos seus motivos para eleger aquele combate como estopim de um novo período de ascensão do boxe entre os círculos de poder econômico e político da sociedade britânica, e o destaque dado aos epítetos dos lutadores já nos revela alguns dos caminhos de sua trama narrativa. O grande vencedor é Richard Humphries, “O Boxeador Cavalheiro” (“*the Gentleman Boxer*”), vitorioso sobre Martin, “o Açougueiro de Bath” (“*the Bath Butcher*”).

Com uma estratégia eficiente de bloqueios com o braço esquerdo e golpes poderosos com a direita, que visava pontos objetivos como o plexo solar e a região sob as orelhas, Humphries encantou o Príncipe de Gales (futuro Albert VII), o Duque de York, o Duque de Orleans e vários nobres franceses, especialmente por “his genteel appearance and behaviour. Richard was a remarkably graceful boxer, and his attitudes were of the most elegant and impressive nature”³².

A capacidade intelectual e o comportamento elegante de Richard Humphries manifestava-se nos ringues, afirmavam seus admiradores, pela compreensão técnica do boxe como uma *ciência* e não simplesmente como um jogo de força ou violência animalesca. Ao recuarmos cronologicamente, percebemos que características correlatas – técnica e ciência como reveladoras de uma conduta moral e social distinta – eram evocadas desde a primeira “onda” dos anos 1710-40 para justificar o sucesso dos melhores lutadores. Seus adversários, em contraste, seriam brutos e bárbaros, representantes típicos de classes trabalhadoras.

Tal discurso é verificado desde aquele primeiro manual de pugilismo publicado, em 1747, *A treatise upon the useful science of defence*, do Capitão John Godfrey. Nele podemos verificar o que

30 Não há um consenso na documentação sobre a grafia do nome do boxeador, sendo em algumas obras transcrito como “Humphreys” e outras “Humphries”.

31 EGAN. **Boxiana**, p. 103. Um livro anterior a *Boxiana* sobre a história do boxe a partir do século XVIII é *Pancreatia, or a History of pugilism*, publicado por W. Oxberry, em, pelo menos, 1812 (não encontrei edições anteriores), mas de muito menor sucesso.

32 “sua aparência e comportamento distintos. Richard era um boxeador notavelmente gracioso e suas atitudes eram da mais elegante e impressionante natureza.” EGAN. **Boxiana**, p. 104 e 109.



passaria a ser um mote do boxe moderno: “a arte/ciência supera a força”³³. A pura experiência de luta é insuficiente ao pugilista se ele não for capaz de compreender e aplicar a *teoria* inerente às estratégias de combate. Este é o motivo pelo qual Thomas Fewtrell, em seu livro de 1790, afirma que o boxe permaneceu em decadência por décadas após a derrota de Jack Broughton.

The misconduct of its professors also gave a mortal wound to pugilism; intoxicated with popular applause, and confident of success in contests with the ignorant, they rashly took every occasion to quarrel, and thus formed a distinct and noxious class of beings in society. [...] Their *practice* was indeed great, but *theory* was a word with which they were completely unacquainted³⁴.

Em concordância, Anônimo acusa a maioria desses boxeadores de apenas

pretended to great skill in the science of bruising, but were for the most part a set of drunken, dissipated, idle fellows [...] None better than hardy labourers or handy-craftsmen, for although most of them could bear a considerable share of beating, yet none were sufficiently skilled in the art³⁵.

Os sentidos elaborados pelos termos “ciência” ou “arte” do pugilismo (ou *self-defence*) unem não só aspectos do conhecimento técnico do boxe, mas igualmente uma conduta moral dentro e fora das arenas. Ambos aspectos associados à qualidade geral do lutador eram tidos como necessários para ele ser vitorioso, *superior* a adversários brutos e ignorantes, aqueles que não conseguiam desvencilhar-se de uma cultura social tida como baixa. Tal não seria a perplexidade, seguida de insuperável ressentimento, do Duque de Cumberland ao ver seu educado e “grande mestre da ciência” Broughton ser derrotado em poucos minutos por um desconhecido açougueiro?³⁶

Sintetizando a discussão até aqui, pode-se considerar as transformações sofridas pelo boxe a partir dos anos 1700 como a elaboração de novos sentidos para a prática. Estes novos sentidos, voltados a um ideal de *ciência* (ou *arte*, que neste caso são tratados quase como

33 GODFREY. **A treatise upon the useful science of defence, connecting the small and back-sword...**, p. 46. A obra de Godfrey traz um primeiro capítulo sobre o sabre e espadim e, em seguida, sobre o boxe.

34 “A má conduta de seus professores também causou uma ferida mortal ao pugilismo; embriagados com o aplauso popular e confiantes de sucesso em disputas com os ignorantes, eles rapidamente transformavam todas as ocasiões em briga, formando assim uma classe distinta e nociva de seres na sociedade. [...] Sua *prática* era realmente grande, mas *teoria* era uma palavra que eles desconheciam completamente.” FEWTRELL, Thomas. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...** London: Scatcherd and Whitaker/Faulder/Champante and Whitrow, 1790, p. 44-45.

35 “fingiam grande habilidade na ciência dos golpes, mas eram em sua maior parte um conjunto de bêbados, falastrões, ociosos [...] Nada mais que trabalhadores braçais ou artesãos, pois embora a maioria deles pudesse suportar uma parcela considerável de castigo físico, nenhum era suficientemente habilidoso na técnica.” ANÔNIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. 79-80, 85.

36 Elogio a Broughton de ANONIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. 78. Pierce Egan registra uma única luta anterior importante de Jack Slack, contra George Taylor, no mesmo ano de 1750, na qual foi derrotado. EGAN. **Boxiana**, p. 61.



sinônimos), são construídos junto a novas redes de relações sociais, estabelecidas pelos indivíduos direta ou indiretamente envolvidos com o pugilismo. São relações que dão-se por meio de diálogos e embates – mais ou menos intensos de acordo com a situação, mas predominantemente desiguais – que podem aqui ser compreendidos como questões de classe, cultura, debates éticos/intelectuais e mesmo concorrência comercial e disputas político-institucionais na sociedade.

Nos próximos segmentos desse artigo, será discutido com mais precisão como o sentido de “ciência”, construído para o boxe entre os séculos XVIII e XIX, pode ser compreendido através das formas da prática da luta em si. Primeiro através dos diferentes conjuntos de regras – as delimitações do que o boxeador poderia ou não fazer no ringue – a partir dos primeiros artigos de Jack Broughton, de 1743, até o código atribuído ao Marquês de Queensberry, publicado em 1867. Em seguida, ainda junto aos sentidos desse processo de “cientifização”, será discutido como transformaram-se algumas de suas técnicas (o *round blow* e o *wrestling* em geral) e estratégias de luta (a movimentação do lutador na arena, a busca ou não pelo nocaute e o uso ou não de luvas).

A Construção de um boxe científico: nova ética na regulamentação das lutas

Foi discutido como durante os séculos XVIII e XIX os debates a respeito do valor moral e pertinência social das *prize fighting*, e da prática do boxe de forma geral, foram intensos.³⁷ Para seus defensores, sejam através de artigos de jornais, palestras, debates públicos ou brochuras, os argumentos contra as acusações comuns de “barbarismo” e “violência” sustentavam-se, sobretudo, no comportamento de determinados campeões fora e *dentro* das arenas.

Sucessivos sistemas de regras foram sendo elaborados para que esses comportamentos tornassem-se padronizados institucionalmente a todos os lutadores, entre outros motivos, como tentativas indiretas de resposta àqueles ataques sofridos. Foi um processo que Kasia Boddy considera uma representação de “the great Enlightenment project of systemization and law-making thus extended to pugilism”; afirmava-se a possibilidade de um boxe científico, racional, justo e civilizado através da codificação de seus regulamentos.³⁸ Este é o tema tratado a seguir.

“The brutal practice of boxing” em *prize fightings* incentivaria a insensibilidade dos espectadores frente a morte e ao sofrimento alheio. “A crowd, accustomed to a similar displayed

37 Debates que ainda existem hoje para o próprio boxe e, devido a sua expansão no *show business* do mundo das lutas, o MMA. Ver PAIVA, Lenadro. Consenso médico sobre o MMA: baseado em evidências? In: _____. **Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate**. Manaus: OMP, 2015.

38 “o grande projeto Iluminista de sistematização e elaboração da lei estendeu-se assim ao pugilismo”. BODDY. **Boxing**, p. 29.



wantonness, *must* [...] grow callous to human suffering, and thirst for scenes of additional barbarity”³⁹. São alguns exemplos de acusações à prática do boxe. É importante destacar, entretanto, que esse tipo de conflito social sob um discurso moralizante não se dirigia exclusivamente ao pugilismo, mas também a jogos apreço popular como as brigas de galo e as *bull-baiting*⁴⁰.

Exatamente em defesa a essas acusações evocavam-se os exemplos de Jack Broughton, Daniel Mendoza e, com destaque, Richard Humphries.⁴¹ Refinamento e eficiência técnica, inteligência e capacidade estratégica demonstrados nas lutas ganharam sentidos indissociáveis de uma ética e refinamento social. O domínio da *ciência* do boxe representaria todo esse conjunto de características, que passaria a ser evocado como um sentido geral para o pugilismo e não apenas como valores individuais de alguns lutadores. O estabelecimento de conjuntos de regulamentos passaram, ao longo dos séculos XVIII e XIX, a tentar controlar atitudes consideradas mais sanguinárias e incivilizadas no boxe, com a disciplinarização da área de combate, a violência controlada, a justiça nos julgamentos dos resultados e o incentivo ao decoro geral dos pugilistas.

Foram expostos anteriormente alguns elementos das regras do Anfiteatro de Jack Broughton, de 1743, que, apesar de limitadas em detalhes e abrangência, foram consideradas a primeira tentativa de regulamentação de uso geral nas *prize fighting*. Tratava-se apenas de sete artigos, que tiveram grande influência na época e no século seguinte não exatamente por seu conteúdo, mas muito mais como exemplo inicial de um modo de “civilizar” o boxe. Tal é o tom de Owen Swift que, em 1840, compara a situação dos arredores de Londres com outros condados ingleses e Irlanda:

In our northern counties, where boxing is imperfectly understood, the law of the ring unknown, the fight up and down: that is when one gets the other down, the one who is uppermost throttles, kicks, or jumps on the one down, till he has killed or disabled him. This, too, is pretty much the case in Ireland,

39 “A prática brutal do boxe”, “Uma multidão, acostumada a uma semelhante despreocupação exibida, deve [...] crescer insensível ao sofrimento humano e sede de cenas de barbaridade adicional.” Respectivamente BARRY. **A letter on the practice of boxing, addresses to the King, Lords and Commons**, p. 6 e VASEY. **Remarks on the influence of pugilism on morals...**, p. 15.

40 UNCAR. **The boxing discourse in Late Georgian England. 1780-1820**, p. 22. A *bull baiting* era uma espécie de luta entre um touro (que muitas vezes era amarrado ao chão com uma corda) e um grupo de cães, que buscavam mordê-lo nas orelhas, pescoço e narinas; o *bulldog* inglês era a raça preferida para essa prática.

41 Daniel Mendoza (1764-1836), conhecido como “o Judeu” (“*the Jew*”). Ganhou celebridade com uma sequência de três lutas contra Humphries entre 1788 e 1790, tendo perdido a primeira e vencido as seguintes. O estilo de luta de Mendoza era extremamente inovador, com intensa movimentação e esquivas seguidas de golpes rápidos e *wrestling*, em uma época em que o formato padrão das lutas era mais estático, com os pugilistas parados demonstrando resistência aos socos do adversário. Foi por isso, ao longo dos anos 1700 diversas vezes chamado de covarde, acusação cessada apenas quando sua forma de lutar se disseminaria, tornando-se um novo padrão para o boxe. Ver FEWTRELL. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...**, p. 78; ANÔNIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. 88-89 e EGAN. **Boxiana**, p. 105-108.



and, indeed, all over the world, except in those parts of England where regular boxing is in use⁴².

Uma preocupação central de Jack Broughton foi demarcar claramente os limites da movimentação e ação no espaço de luta “to prevent disputes”, em suas palavras.⁴³ Além do destaque, mencionado anteriormente, a quem poderia permanecer na área de combate (Regra III), Broughton padronizou marcações em sua superfície, com um quadrado de mais ou menos um metro (um *yard*), onde se posicionariam os lutadores no início da luta, definindo que, caso derrubados, deveriam tentar se recuperar em até 30 segundos (podendo ser ajudados por seu *Second*) e retornar de pé ao quadrado (Regras I e II). Broughton cria um espaço mais controlado, onde apenas o lutador, seu técnico e ele mesmo – lembrando que eram inicialmente regras de um Anfiteatro particular –, que poderia subir ao tablado “to keep decorum” (Rule III).⁴⁴

Sobre a luta propriamente dita, as regras de 1743 impuseram limites importantes a ações que passaram a ser compreendidas como desleais ou inadequadas ao boxe que se construía, sendo hoje impedimentos considerados “óbvios” por nós. Estaria proibido acertar o adversário caído ou ajoelhado e agarrá-lo pela perna, calças ou qualquer parte abaixo da cintura (Regra VII). A divisão dos lutadores em categorias de peso só seria criada três anos depois, em 1746, por apostadores das *prize fighting* em busca de uma equidade que passou a ser vista como justa e favorável às apostas. Adaptada de classificações de cavalos, os pugilistas passaram a ser divididos em leves, médios e pesados.⁴⁵

As regras de Broughton, entretanto, ainda eram vagas em muito pontos, deixando lacunas para serem preenchidas por consenso em cada evento. Quase um século depois, com a crescente expansão do boxe profissional na forma das *prize fighting*, a *Pugilistic Society* – organização fundada pelo ex-campeão John Jackson, com sede em Londres, que existiu entre 1814 e 1861 – organizou o primeiro conjunto de regras realmente com a intenção de uso universal na Inglaterra (seria usado também nos EUA). As *London Prize Ring Rules* foram publicadas em 1838 e seriam revisadas e ampliadas em 1853.⁴⁶

42 “Em nossos condados do norte, onde o boxe é imperfeitamente compreendido, a regra do ringue é desconhecida, a luta ocorre acima e abaixo: isto é, quando se lança o outro para baixo, aquele que está de pé estrangula, chuta ou salta no que está baixo, até que ele esteja morto ou desabilitado. Este também é bem o caso na Irlanda, e, de fato, em todo o mundo, exceto nas partes da Inglaterra onde o boxe regular está em uso.” SWIFT. **The hand-book to boxing**, p. 6.

43 “para evitar controvérsias”. Expressão utilizada nas Regras II e VI.

44 “para manter o decoro”.

45 BODDY. **Boxing**, p. 29.

46 LONDON PRIZE RING RULES, 1838 In: DOWLING, Vincent. **Fistiana; or Oracle of the Ring...** London: W. Clement, 1841 e REVISED LONDON PRIZE RING RULES In: GRASSO. **Historical dictionary of boxing**. Em resumo, a revisão deu mais poderes de decisão ao juiz central (“*Referee*”) face seus auxiliares (“*Umpires*”) (Regra



A primeira versão contava com 23 artigos e a segunda, 29. Destacam-se nessas regras proibições diretas a vários tipos de golpes e manobras, como mordidas, arranhões e dedos nos olhos (“*gonging*”) (Regra 16), além da cabeçada (Regra 13), chutes e também o impedimento do lutador cair sobre o adversário no chão (Regra 17). Longe de serem proibições aleatórias, as manobras excluídas pelas *London Prize Ring Rules*, usuais no boxe “popular” do passado, haviam ganhado desde o século XVIII o sentido de práticas incivilizadas de luta, caras às “classes inferiores” e aos “selvagens”.

Thomas Monstery (1824-1901), mercenário dinamarquês e posterior instrutor de vários sistemas de combate armado e desarmado nos EUA, por exemplo, ao discutir sobre a autodefesa e as “armas naturais” do ser humano, afirma:

The savage has no idea of their capacities for anything but grasping and scratching, just as he has no idea of self-defense beyond the cumbrous expedient of the shield. The educated gentleman, who has trained his body as well as his mind, know that he possesses three natural weapons, each of which is terrible in its way – his head, his fist, his foot. The only one of these which is thoroughly and instantly available at all times, with the minimum of danger to the user, is the fist...⁴⁷

Agarramentos, mordidas, arranhões, derrubadas, lutas no chão e chutes que Monstery resume como “*Rough-and-tumble fight*”, são típicos de garotos de escola, homens do campo, classes criminosas, açougueiros e provincianos.⁴⁸ Lutadores do *savate* francês usam muitos chutes, mas, em sua visão, “*kicking is a poor way of fighting against a man who knows how to counteract it*”⁴⁹. Já as cabeçadas, os únicos que conseguiriam utilizá-las cientificamente são os dinamarqueses, mas seria uma manobra fácil de defender; o estilo de luta dos negros consiste em tentar cabeçadas no estômago do adversário, porém, “*there is no science in him*”, concluindo-se que “*negroes do not fight*”⁵⁰.

Em uma mesma direção, as palavras do boxeador norte-americano Ira Wood Jr. (??-??),

12, 21, 22); implementou uma multa para técnicos que se aproximassem dos lutadores durante o combate (Regra 7); deu detalhes do resultado das apostas caso a luta fosse interrompida (Regra 23); regulamentou saídas da área pelo lutador (Regras 24 e 26) e pedidos de objeção (Regra 25); esclareceu sobre a punição por uso de objetos escondidos nas mãos dos lutadores (Regra 27) e deu ao juiz o poder de encerrar o assalto caso um lutador ficasse em posição de risco (“por estrangulamento ou apoplexia”) nas cordas (Regra 28).

47 “O selvagem não tem ideia de suas capacidades para além de agarrar e arranhar, assim como ele não tem ideia de autodefesa além do desajeitado expediente do escudo. O cavalheiro educado, que treinou seu corpo, bem como sua mente, sabe que ele possui três armas naturais, cada um dos quais é terrível a sua maneira - a cabeça, o punho, o pé. O único destes que é completamente e instantaneamente disponível em todos os momentos, com o mínimo de perigo para o usuário, é o punho...” MONSTERY. **Self-defense for gentlemen and ladies**, Capítulo IX, p. 1.

48 _____ **Self-defense for gentlemen and ladies**, Capítulo IX, p. 2.

49 Tradução: “chutar é uma forma pobre de lutar contra um homem que saiba como reagir.” MONSTERY. **Self-defense for gentlemen and ladies**, Capítulo IX, p. 3.

50 “não há ciência nele”, “negros não lutam”. _____ **Self-defense for gentlemen and ladies**, Capítulo IX, p. 10 e 9 respectivamente.



em um manual publicado em 1901, são diretas: “fighting certainly belongs to the lower orders of society today as it always has done, but sparring [o exercício controlado do boxe] is quite as much of a gentlemanly accomplishment as fencing, and one that is calculated to be more useful.”⁵¹ Completando com a afirmação de que “savage nations have never been renowned as boxers”, pois para isso é preciso ter autocontrole (“self-control”).⁵²

O último grande conjunto de regras para o boxe no período abarcado aqui, ainda sob a abrangente rede de sentidos sociais do pugilismo enquanto ciência, foram as famosas Regras do Marquês de Queensberry.⁵³ Na realidade, redigidas por John Graham Chambers (1843-1883), esportista e entusiasta do boxe, em 1865, os 12 artigos ganharam o nome do Marquês como uma homenagem a um apoiador aristocrata e busca de credibilidade através de sua posição social, sendo publicados dois anos depois. As regras de Queensberry não eram um novo código autônomo para o boxe, mas um complemento e mudanças específicos para a versão revisada da *London Prize Ring Rules*; os casos não mencionados naquelas, continuavam sendo regulamentadas pelo código de 1853.⁵⁴

Apesar de seu caráter de “apêndice” das regras anteriores, os novos artigos trouxeram inovações realmente transformadoras para a forma de praticar-se o boxe. Serão discutidas três dessas mudanças na próxima parte deste texto: mudanças nas estratégias de luta, junto ao novo limite de 10 segundos para o nocaute (Regra 4); o uso dos *round blows* (golpes circulares), favorecidos pela obrigatoriedade do uso de luvas (Regras 8 e 9); o fim das manobras de *wrestling* (agarramentos e derrubadas) no boxe profissional (Regra 2).

Três exemplos de transformações técnico-sociais no boxe: estratégias de combate, *round blows* e *wrestling*

A seguir são apresentadas algumas dessas transformações, destacando sempre suas interações com as mudanças mais amplas nas relações sociais, conforme problematizado anteriormente. Inicialmente, as diferenciações nas *estratégias de combate* dos boxeadores.

51 “lutar certamente pertence às ordens inferiores da sociedade hoje como sempre foi, mas *sparring* [o exercício controlado do boxe] é realmente uma prática tão cavalheiresca quanto a esgrima e é deliberadamente mais útil.” WOOD JR., Ira. **Boxing for skill and health**. New York: Physical Culture Publishing Co, 1901, p. 10.

52 “nações selvagens nunca foram conhecidas como boxeadoras”. _____. **Boxing for skill and health**, p. 10.

53 MARQUESS OF QUEENSBERRY RULES In: GRASSO. **Historical dictionary of boxing**, p. 503. Ainda surgiriam no século XIX alguns códigos que acrescentariam ou modificariam detalhes específicos para novas associações surgidas na Inglaterra e EUA. É o caso da *Amateur Boxing Association Rules* (em ALLANSON-WINN, Rowland. **Boxing**. London: A. D. Innes & Co, 1897, p. 360-363) e da *American Fair Play Rules* (DORAN, Bart. **Doran’s science of self-defense**. Cincinnati: Press of Shiffer, 1889, p. 107); ambas, porém, mantendo sua base nas regras de Queensberry.

54 Regra 12. MARQUESS OF QUEENSBERRY RULES. In: GRASSO. **Historical dictionary of boxing**, p. 503.



Estratégias de combate

Atualmente, pensando em uma luta esportiva ideal, provavelmente virá à mente das pessoas um encerramento da disputa com o nocaute de um dos contendores (ou, com o advento do MMA a partir da década de 1990 a “finalização” por desistência, conforme a acomodação do esporte à forma de lutar do jiu-jitsu Gracie).⁵⁵ Quando essa situação esperada não ocorre, o espectador que se contentar (com certo desapontamento!) com uma contagem de pontos, na qual privilegia-se o lutador que demonstrou mais efetividade em seus golpes.

Entretanto, é preciso considerar que uma luta, seja esportiva, em uma situação de autodefesa e mesmo em um conflito bélico, os significados da “vitória” e de como chegar a ela são elaborados distintamente de acordo com as relações sociais envolvidas. Nem sempre sua conquista advém da eliminação do oponente. No boxe a icônica imagem do pugilista vitorioso após um cruzado de direita no queixo do adversário, deixando-o inconsciente no chão, não era comum antes da segunda metade do século XIX. Longe disso, até essa época a estratégia de luta dominante entre os boxeadores visava muito mais exaurir gradativamente as forças do outro que eliminá-lo o mais rápido possível.

Como enfatizado nessa pesquisa, as técnicas de um modo de luta transformam-se em meio a mudanças de valores sociais, o que não deixa de ocorrer sem conflitos e desentendimentos. Os grandes lutadores do período inicial da ascensão do boxe inglês, como Jack Broughton, construíram-se como pugilistas e ajudaram a construir uma prática do boxe carregada de valores bem quistos pela aristocracia e classes mais ricas inglesas: o refinamento, a inteligência e a coragem, por exemplo. Estas características encarnavam-se em uma forma “científica”, “eficiente” e, em uma palavra, “correta” de se lutar.

Em um tratado publicado provavelmente em 1788, o escritor Henry Lemoine (1756-1812) dá-nos uma interessante descrição do estilo de luta de Broughton: “When he faced his antagonist, he stood square, with his legs even, and stopped and struck equally well with either hands. Sometimes his method was to catch blows with his open hand, and to change his guard, by wich he frequently threw his antagonist from his”⁵⁶.

55 CAIRUS, Jose. **The Gracie Clan and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu: National Identity, Culture and Performance, 1905 – 2003.** 264f, Tese (Doutorado em Filosofia) – York University, Faculty of Graduated Studies, York, 2012, p. 95, 101, 131.

56 “Quando ele enfrentava seu antagonista, ele permanecia [em postura] reta, com as pernas idem, e bloqueava e batia igualmente bem com ambas as mãos. Às vezes, seu método era o de pegar golpes com a mão aberta e trocar de



A mencionada “postura reta” (ou “quadrada”) indica uma estratégia padrão dos boxeadores da “primeira onda” das *prize fighting*, entre os anos 1710 e 1750. Com uma estrutura firme, com as pernas abertas com os joelhos quase literalmente dobrados em ângulo reto, o lutador permanecia praticamente parado no ringue, trocando e bloqueando golpes. As esquivas e a movimentação como forma de finta e ajuste de distância em relação ao oponente (o “*footwork*”) era algo incomum.⁵⁷

A partir daí podemos relacionar o perfil médio do boxeador da época, representado usualmente por açougueiros, ferreiros, carregadores, marinheiros e trabalhadores correlatos, que se adaptavam a esse tipo de luta (e construíam o boxe com essa característica), em que a resistência e força dos braços era fundamental.⁵⁸

Quando Daniel Mendoza (1764-1836), chega ao cenário principal das *prize fighting* inglesas há um choque de valores frente a sua, então, estranha forma de lutar, baseada em grande parte em um trabalho de perfeito alinhamento corporal, movimentação e esquivas para acompanhar bloqueios e contra-ataques. Em suas próprias palavras, em um manual publicado em 1792, Mendoza destaca que o primeiro princípio do boxe “is to be perfectly master of the equilibrium of the body, so as to be able to change from a right to left-handed position; to advance or retreat striking or parrying; and to throw the body either forward or backward without difficult or embarrassment”⁵⁹.

Daniel Mendoza diferenciou-se dos demais pugilistas de então por colocar a agilidade e os golpes rápidos como elementos centrais de sua estratégia de luta. Afirmava que “it is always better to avoid a blow by throwing the head and body back, at the same time covering the pit of the stomach, than to attempt to parry it”⁶⁰. Ele teria também, nesse conjunto estratégico, aperfeiçoado o *half-arm bit* (retorno do golpe com o mesmo braço usado para defender) e o

guarda, com o que frequentemente arremessava seu antagonista de sua própria [guarda].” LEMOINE, Henry. **Modern manhood, or, The art and practice of English Boxing...** London: J. Parsons/ A. Cleugh/ J. Sudbury/ H. Lemoine, [1788], p. 58. Ver também FEWTRELL. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...**, p. 50.

57 LEMOINE. **Modern manhood, or, The art and practice of English Boxing...**, p. 58 e FEWTRELL. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...**, p. 34. BODDY. **Boxing**, p. 39. Ver também BODDY. **Boxing**, p. 39.

58 BODDY. **Boxing**, p. 26.

59 “É ter perfeita maestria do equilíbrio do corpo, de modo a ser capaz de mudar de uma posição destra para canhota, de avançar ou recuar golpeando ou aparando e de lançar o corpo para frente ou para trás sem dificuldade ou constrangimento.” MENDOZA, Daniel. **The art of boxing**. Dublin: M. O’Llary, 1792, p. 1-2.

60 “É sempre melhor evitar um golpe jogando a cabeça e o corpo para trás, ao mesmo tempo cobrindo a boca do estômago, do que tentar apará-lo.” MENDOZA. **The art of boxing**., p. 3.



chopping (golpe dado com as costas da mão).⁶¹

Entretanto, movimentar-se pelo ringue, esquivar-se e desferir contra-ataques rápidos foram mudanças que chocaram-se com os valores dados ao “boxe científico” daquele momento. Somado à discriminação por ser judeu (de origem portuguesa), Daniel Mendoza rapidamente foi acusado de ser fraco e covarde.⁶² Apenas com o passar do tempo, especialmente após suas vitórias contra Humphries, o sentido de *covardia* para sua estratégia de luta seria gradativamente sobrepujado pelo de *elegância*, valor bem-aceito como um dos atributos cavalheirescos do boxe científico.⁶³ Com consciência disso, seu manual seria escrito retirando do boxe “any appearance of brutality to the learner, and reduced it into so regular a system, as to render it equal to fencing, in point of neatness, activity, and grace”⁶⁴.

Uma segunda grande transformação na estratégia geral de luta no boxe surgiu e consolidou-se entre a segunda metade do século XIX e princípios do XX. Foi quando, a partir das regras do Marquês de Queensberry, de 1867, as luvas tornaram-se acessório obrigatório nos confrontos profissionais, tornando-se um padrão praticamente inquestionável a partir dos anos 1890, e o tempo de contagem para nocaute reduziu-se de 30 para 10 segundos.

Até então, as *prize fighting* e o boxe utilizado para autodefesa eram predominantemente praticados com as mãos nuas, ou em “*bare knuckle*”. Atribuiu-se a popularização (ou até a invenção) das *mufflers*, luvas finas e leves, a Jack Broughton como um equipamento de treinamento em seu *Amphitheatre*. Seu objetivo era claro: atrair cavalheiros para as aulas ao diminuir os riscos destes ganharem marcas e cicatrizes em seus rostos.⁶⁵ Em manuais do século seguinte, continuamos a encontrar instrutores anunciando o uso de luvas em seus ginásios como forma de tranquilizar potenciais alunos “as they are not apt to scratch the face or blacken the eyes...”⁶⁶. Em síntese, argumentava-se que as luvas diminuía a brutalidade e garantiam ao boxe um caráter civilizado.⁶⁷

Como as demais mudanças na prática do pugilismo, conflitos de valores para sua prática

61 SWIFT. **The hand-book to boxing**, p. 17 e FEWTRELL, T. p. 24.

62 FEWTRELL. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...**, p. 77; ANÔNIMO. **The complete art of boxing, according to the modern method...**, p. 88-89 e EGAN. **Boxiana**, 1830, p. 253.

63 BODDY. **Boxing**, p. 39.

64 “qualquer aparência de brutalidade para o aprendiz e o reduzido a um sistema tão regular a ponto de torná-lo igual à esgrima em termos de nitidez, atividade e graça.”

65 UNGAR. **The boxing discourse in Late Georgian England. 1780-1820**, p. 24.

66 “como eles não são inclinados a arranhar o rosto ou enegrecer os olhos...” BENEDICT, George. **Manual of boxing, club swinging and manly sports**. New York/ Chicago: A. G. Spalding & Bros, [1886], p. 9.

67 O'REILLY. **Ethics of boxing and manly sport**, p. 5-6.



acompanharam o crescente uso de luvas nos treinamentos e, mais tarde, nas lutas profissionais.⁶⁸ Thomas Monstery, nos anos 1870, por exemplo, insistia em manter parte das aulas em sua escola de autodefesa sem luvas, enquanto Ned Donnelly, boxeador profissional, afirmou em 1879 que “a man who has boxed only with the gloves on, and has never had experience of a real fight, can be considered only as an amateur.”⁶⁹ E como uma das últimas vozes de questionamento, evocando claramente as diferenças entre o boxe como *esporte*, em completa ascensão, e um decadente boxe voltado à *autodefesa*, Allanson-Winn criticou em um livro de 1897 o, agora comum, uso das luvas como “escudo”. Para ele, estas deveriam ser um acessório para treino com menos riscos, mas ninguém deveria realizar no boxe algo que não funcionaria em um confronto real.⁷⁰

Ao contrário do que se poderia supor, a padronização e obrigatoriedade do uso de luvas levou a um crescimento das vitórias conquistadas através de nocautes e de um dos lutadores caindo inconsciente no chão. Como descrito antes, nos tempos do *bare knuckle*, o boxeador mais habilidoso muitas vezes era quem levava o adversário ao esgotamento, mas

The five – or six – ounce gloves now used in professional contests in reality save the knuckles, and enable the hitter to continue the fight without that puffiness of the knuckles which, in the old days, resulted from repeatedly coming in contact with the harder portion of the adversary's head, and which rendered the hitting, at the close of many contests, quite ineffective⁷¹.

Diferente do que o cinema de artes marciais faz parecer, ao lutar de mãos desprotegidas a pessoa precisa preocupar-se com a segurança dos próprios punhos e dedos, muito facilmente trincados, luxados e fraturados ao chocarem-se contra o crânio, cotovelos e punhos do adversário. Os golpes tendem a ser mais contidos que ao usar-se luvas protetoras.⁷²

O rápido acúmulo de traumas nas mãos abaixava a potência dos golpes dos pugilistas das

68 O norte-americano John Sullivan (1858-1918) foi considerado o primeiro campeão mundial, entre 1888 e 1889, na era de transição do *bare knuckle* para a luta com luvas. Sullivan foi um dos últimos a lutar profissionalmente nas duas situações.

69 “um homem que boxeou apenas com as luvas e nunca teve experiência de uma verdadeira luta, pode ser considerado apenas um amador.” DONNELLY, Ned. **Self-defence, or, The art of boxing**. London: Weldon & Co, 1881, p. V e MONSTERY. **Self-defense for gentlemen and ladies**, Parte 1, p. 33.

70 ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 143-144.

71 “As luvas de cinco ou seis onças usadas agora em confrontos profissionais na realidade poupam os punhos e permitem que o atacante continue a luta sem que o inchaço dos punhos que, nos velhos tempos, resultava do repetido contato com a parte mais dura da cabeça do adversário, e que tornava o golpe, no fim de muitas competições, bastante ineficaz.” ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 144.

72 O mesmo desafio ao senso comum ocorre com o protetor de cabeça almofadado (sem grades), introduzido no boxe olímpico em 1984. Apesar de ter ajudado a reduzir os cortes no rosto devido à fricção do couro das luvas, o uso desse protetor aumentou a porcentagem das lutas terminadas antes do tempo (por nocaute ou incapacitação) de 17,3% para 21,8%. A hipótese para esse fenômeno é que os lutadores, sentindo-se mais protegidos, tornaram-se mais descuidados com a guarda. BIANCO, Massimiliano; LOOSEMORE, M. et. al. Amateur boxing in the last 59 years. Impact of rules changes on the type of verdicts recorded and implications on boxers' health **British Journal of Sports Medicine**. London, n° 47, p. 452-457, 2013, p. 455.



antigas *prize fighting*, diminuindo, assim, as chances de nocaute.⁷³ O combate transformava-se em uma luta de resistência aeróbica e aos ferimentos (hoje) “secundários” - característica reforçada pelo maior tempo permitido para a recuperação do lutador, 30 segundos, em relação aos 10 segundos da regra de Queensberry.

Com tudo isso, a estratégia geral de luta tendia a ser bem diferente das surgidas em fins do século XIX e início do XX, desfavorecida ou até tornada impossível pelas luvas. Os lutadores do *bare knuckle* buscavam pontos muito específicos para golpear, como a pequena região entre as sobrancelhas ou abaixo das orelhas e o próprio conhecimento da anatomia humana era evocado como parte da ciência do boxe.⁷⁴ Mais do que o queixo ou o rosto – regiões mais arriscadas para os punhos de um boxeador sem luvas em um golpe mais potente -, o plexo solar (ou celíaco) era um dos locais preferidos para incapacitar um oponente.⁷⁵ Em uma manobra impensável hoje, Richard Humphries buscava sempre atingir os punhos de seu adversário com seus cotovelos.⁷⁶

Em suma, as transformações do boxe acompanhadas pelas regras do uso das luvas e da diminuição do tempo de recuperação do pugilista carregam ambiguidades importantes. As lutas tornaram-se mais rápidas e dinâmicas para os espectadores, entretanto, a alegada busca por um sentido mais forte de “civilização” e diminuição da violência através das mencionadas regras, terminaria, na prática, a levar à contusões mais sérias, com a ampliação dos golpes na cabeça desferidos com maior potência.⁷⁷

Round blows

Também relacionado à padronização e gradativo uso geral das luvas após as regras de Queensberry, de 1867, uma segunda mudança importante na prática do boxe durante o período discutido foi o advento gradual dos chamados *round blows*, ou “golpes circulares”. Tais golpes incluem variações de ganchos, *swings* e *uppercuts*, hoje comuns no boxe e outras modalidades de

73 ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 144.

74 GODFREY. **A treatise upon the useful science of defence, connecting the small and back-sword...**, p. 50-51.

75 GODFREY. **A treatise upon the useful science of defence, connecting the small and back-sword...**, p. 51, EGAN. **Boxiana**, p. 103. O nocaute pelo golpe no estômago era uma das grandes marcas de Jack Broughton. EGAN. **Every Gentleman's Manual**, p. 53.

76 LEMOINE. **Modern manhood, or, The art and practice of English Boxing...**, p. 86. Encontramos essa técnica também em diferentes manuais do período.

77 O que, em termos médicos ajudaria a desenvolver, entre outros problemas, o que mais tarde foi chamado *Dementia pugilistica*, ou “Encefalopatia Crônica Progressiva do Boxeador”, caracterizada pela perda de capacidade cognitiva e de memória e sintomas de Parkinson devido ao acúmulo de traumas no cérebro a longo prazo. Ver, como um artigo mais geral, AREZA-FEGYVERES, R; CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Encefalopatia traumática crônica do boxeador (*dementia pugilistica*) **Revista Psiquiatria Clínica**. São Paulo, vol. 1, n° 32, p. 17-26, 2005.



lutas por ele influenciados.

Durante todo o século XVIII e grande parcela do XIX, os socos do boxe resumiam-se a golpes retos, no rosto ou no tronco.⁷⁸ As poucas variações, como o golpe rápido com as costas da mão de Daniel Mendoza (o *chopping*) recebiam importantes questionamentos e não tiveram tanta difusão a ponto de serem incluídos em manuais de pugilismo ou serem citados como destaque nas *prize fighting*. Os socos retos eram vistos sempre como mais rápidos, seguros e difíceis de se defender.⁷⁹

Apenas a partir da década de 1880, encontram-se manuais que adicionaram um outro tipo de soco, o *uppercut*, golpe realizado de baixo para cima e com o braço dobrado em um “gancho” para atingir o queixo ou tórax. Mesmo assim, seu uso era indicado para uma situação muito específica: como um contra-ataque caso o adversário abaixasse a cabeça.⁸⁰ Os *round blows* em si, compreendidos como golpes circulares vindos lateralmente, só figurariam como sugestões válidas a partir anos 1890, embora ainda tenham sido encontradas ressalvas quanto a eles nessa época.⁸¹ Apenas as obras sobre o boxe a partir da primeira década de 1900 não apresentariam mais “poréns” ao uso dos golpes circulares.

Neste ponto, pode-se lançar a pergunta: por que essa transformação de sentidos para um mesmo tipo de técnica, de algo explicitamente rejeitado a uma das principais manobras do boxe? Trata-se simplesmente de algum tipo de “progresso técnico” que permitiu mais eficiência e confiabilidade aos *round blows* ao longo do século XIX? Mais uma vez é preciso compreender as mudanças técnicas da luta junto à rede de relações sociais vividas pelos boxeadores.

Além de mencionarem a superioridade da velocidade e da dificuldade de defesa dos golpes retos, é possível notar uma outra característica repetida por diferentes instrutores e autores até a década de 1880 para os golpes circulares: eles representariam uma manobra grosseira e primitiva. Lançar o braço em um arco contra o oponente era considerado por muitos algo não-científico, um movimento primário e instintivo do ser humano.⁸²

78 Que poderiam tornar-se *cruzados*, se a angulação relativa do lutador e seu oponente não for exatamente 180°. Fundamentalmente, porém, trata-se também de um golpe em linha reta.

79 As principais críticas ao *chopping* acusavam-no de fraqueza e facilidade de ser aparado. FEWTRELL. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...**, p. 23-24 e WALKER, Donald. **Defensive exercises; comprising wrestling as in...** London: Thomas Hurst, 1840, p. 44.

80 DONNELLY. **Self-defence, or, The art of boxing**, p. 91 e BENEDICT. **Manual of boxing, club swinging and manly sports**, p. 12.

81 Considerando como uma técnica válida, vemos DONNELLY. **Self-defence, or, The art of boxing**, p. 33-35. Com questionamentos, ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 58-59.

82 BENEDICT. **Manual of boxing, club swinging and manly sports**, p. 12; O'REILLY, John. **Ethics of boxing and manly sport**. Boston: Ticknor and Company, 1888, p. 8-9.



All natural fighters hit round, and it is to get over this tendency, só strongly marked in the tyro, that good teachers keep their pupils for such long periods at practising straight leads with the left. Watch two men who know nothing of boxing, and note carefully the number of occasions on which they completely miss their mark through taking swinging hits at one another⁸³.

Não se trata de um valor elaborado apenas através da estética do movimento, mas em um critério de “ciência” sustentado nos resultados efetivos da técnica no tipo de luta em questão. Aos olhos da época, o “barbarismo” dos *round blows* comprovava-se nas *prize fighting* através da observação da maior incidência, ou risco de incidência, de fraturas e ferimentos nas mãos – em especial nos ossos dos dedos mínimo e anelar – ao lançarem-se em uma trajetória circular contra um alvo sólido. Vários autores alertavam para essa possibilidade.⁸⁴

Com o tempo, porém, o uso crescente das luvas amenizou esse problema e, como com as esquivas e movimentação ágil de Mendoza, gradualmente a técnica teve seus sentidos transformados de algo negativo – grosseiro e primitivo – em “one of the best blows in boxing”⁸⁵. Com o aperfeiçoamento dos *round blows*, atribuído a John Sullivan, James Corbett (1866-1933) e Jack Dempsey (1895-1983), ao avançar pelo século XX temos tal transformação técnica no boxe a ponto do próprio Corbett, em seu manual publicado em 1912, já poder conceder ao gancho na mandíbula o epíteto de “knockout blow”⁸⁶.

Wrestling

A última grande transformação técnica sofrida pelo boxe no recorte cronológico adotado aqui tem novamente as regras do Marquês de Queensberry como referência de regulamentação. Trata-se da eliminação total de técnicas de *wrestling*, ou seja, manobras de agarrar e arremessar, do pugilismo esportivo e, mais tarde, para autodefesa.

83 “Todos os lutadores naturais batem circularmente e é para superar essa tendência, tão fortemente marcado nos principiantes, que os bons professores mantêm seus pupilos por tão longos períodos praticando golpes retos com a esquerda. Observe dois homens que não sabem nada do boxe e note com cuidado o número de ocasiões em que eles perdem completamente sua guarda ao balançar golpes um no outro.” ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 58. Na linguagem da época, o “lutador natural” era aquele que não dominava qualquer ciência de luta e engalinhava-se com o oponente de maneira desordenada e insegura. A “*mark*” referia-se, sobretudo, ao plexo solar, que era um dos principais pontos a serem protegidos através de uma boa postura do boxeador. O “*swinging*” aqui referia-se ao lançamento do braço para golpear através de um balanço amplo do corpo.

84 O'REILLY. **Ethics of boxing and manly sport**, p. 9-10; ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 141; MONSTERY. **Self-defense for gentlemen and ladies**, Capítulo X, p. 2. É interessante notar que entre as artes marciais orientais tradicionais mais conhecidas, como o karatê, kung fu ou taekwondo, por exemplo, desenvolvidas inicialmente para a prática sem luvas, sejam muito raros o uso de socos em ganchos laterais ou descendentes para golpear diretamente a cabeça do adversário.

85 “um dos melhores golpes no boxe”. FITZSIMMONS. **Physical culture and self-defense.**, p. 101.

86 “golpe nocauteador”. CORBETT, James. **Scientific boxing**. New York: Richard K. Fox Publishing, 1912, p. 71. Ver também AUSTIN, Sam. **Boxing and how to train**. New York: Richard K. Fox Publishing, 1904 e O'REILLY. **Ethics of boxing and manly sport**, p. 8-9.



Seu caso é importante para a problemática geral desse artigo porque revela o envolvimento de outras relações sociais, distintas das que acompanharam as mudanças nas estratégias de luta e dos *round blows*. Diferente desses últimos, por exemplo, o *wrestling* acompanhou o boxe desde suas práticas mais tradicionais, anteriores as *prize fighting* do século XVIII e manteve-se como parte de seu repertório técnico até a segunda metade dos 1800 sem grandes questionamento. Durante todo esse período e em toda documentação pesquisada, não foi encontrado qualquer indício de um sentido de “barbarismo” ou “violência” excepcional associado a ele.⁸⁷

Grandes boxeadores dos anos 1700 eram adeptos das técnicas de derrubadas nas arenas, como Jack Broughton, que aperfeiçoou e deu notoriedade ao *cross-buttock*.⁸⁸ Daniel Mendoza, por sua vez, teria conseguido arremessar Richar Humphries seis vezes em seu primeiro confronto.⁸⁹

Entre as técnicas mais comuns do *wrestling* utilizadas no boxe até sua proibição formal em 1867, estavam *fibbing* (agarrar a nuca do adversário com a mão, para socá-lo com a outra ou para desequilibrá-lo), *get the head in chancery* (ou uma chave de pescoço lateral, para socá-lo com a outra mão, ou prendendo a cabeça do adversário pela frente, sob a axila, na chamada hoje “guilhotina”), *cross-buttock* (após agarrar o pescoço e um braço do adversário, arremessá-lo sobre as costas/nádegas), *back-fall* (derrubá-lo de costas, enganchando uma perna nas pernas do oponente e empurrando-o) e *side-fall* (arremesso lateral, envolvendo a cintura do outro com um braço e utilizando uma perna por trás dele como um calço para derrubá-lo).⁹⁰

O que, então, motivaria a eliminação de tais técnicas no boxe? Paralelamente ao pugilismo, embora com menor intensidade e iniciando um pouco mais tarde, o *wrestling* como uma luta exclusiva de agarramentos, arremessos e imobilizações também ganhava visibilidade na Inglaterra (e EUA). Apesar de não tanto quanto o boxe, a profissionalização dos combates do *wrestling* foi acompanhado por um processo de transformações técnicos e sociais correlato, como

87 Excetuando-se o *gouging*, que não é propriamente um agarramento ou arremesso, mas um ataque direto aos olhos do oponente.

88 FEWTRELL. **Boxing reviewed; or, The science of manual defence, displayed...**, p. 50.

89 LEMOINE. **Modern manhood, or, The art and practice of English Boxing...**, p. 81.

90 Ver descrições e algumas imagens: *fibbing* (PRICE, E. **Science of self defence**. New York: Dick & Fitzgerald, 1867, p. 76; JAMES, E. **The complete handbook of boxing and wrestling...** New York: Ed James, 1878, p; 23-24); *get the head in chancery* (_____. **Science of self defence**, p. 81-82; _____. **The complete handbook of boxing and wrestling...** New York: Ed James, 1878, p. 24; MONSTERY. **Self-defence for gentlemen and ladies**, Capítulo IX, p. 3-5; BENEDICT. **Manual of boxing, club swinging and manly sports**, p. 39); *cross-buttock* (SWIFT. **The hand-book to boxing**, p. 19; _____. **Science of self defence**, p. 93-94; EDWARDS, W. **Art of boxing and science of self-defence...** New York: Excelsior Publishing House, 1888, p. 95); *back-fall* (_____. **Science of self defence**, p. 88-89; _____. **Manual of boxing, club swinging and manly sports**, p. 36; _____. **Art of boxing and science of self-defence...**, p. 95; ALLANSON-WINN. **Boxing**, p. 36); *side-fall* (_____. **Science of self defence**, p. 91-92; _____. **Manual of boxing, club swinging and manly sports**, p. 36).



uma modalidade de origem nas classes trabalhadoras, mas que ganharia *status* de “ciência”.⁹¹

É nessa direção que Donald Walker, em um manual de 1840, cataloga e descreve quatro tipos diferentes de *wrestling* da Grã-Bretanha de sua época, nomeados de acordo com as regiões em que eram mais praticados (Cumberland, Westmoreland, Cornish e Devonshire).⁹² Cada um deles possuía particularidades técnicas e de regras que, a partir das duas décadas seguintes passaria por um processo de codificação e padronização, semelhante ao boxe e a diferentes modalidades esportivas também apreciadas na Inglaterra, como o futebol (com a *Football Association*, de 1863) e o rugby (com a *Rugby Union Rules*, de 1871).⁹³

Assim, podemos compreender as vozes contra o uso de técnicas de *wrestling* no boxe, que surgiam menos pela condenação das manobras em si – que, de fato, não eram entendidas como divergentes dos valores gerais desejados para o pugilismo – que por um desejo de definição de modalidades que se queria profissionalizar e racionalizar, criando identidades próprias através de definições de métodos e regras “científicos”. Nas palavras de Henry Lemoine, “the beauty of boxing is in *hitting clean*, guarding, fending, and keep off blows with judgment, all which depend upon the eye, but *hugging*, more properly, belongs to wrestling.”⁹⁴

Considerações finais

Como qualquer outra construção social, os diferentes sistemas de luta e as artes marciais são repletas de historicidade, inclusive no âmbito técnico. Um golpe não é só um golpe ao atentar-se para as relações que lhe dão sentido de valor, pertinência e utilidade. É fácil notá-lo, em um exemplo, observando um aparentemente mesmo tipo de chute desferido por um aikidoista em treinamento com um colega no *dojo*, um atleta de taekwondo em uma seletiva olímpica e um lutador de MMA que compete para não ser eliminado de um *reality show*. Há significados sociais distintos para aquele chute e, assim sendo, haverão intenções diferentes entre os lutadores que o aplicam; como consequência, haverão também particularidades técnicas mais sutis ou mais evidentes para cada um deles.

91 PRICE. **Science of self defence**, p. 89. Uma grande quantidade de manuais de boxe continham também lições sobre outras formas de luta, como o *wrestling*, diversos tipos de espadas e bastões. Exemplos de manuais da época exclusivamente voltados ao *wrestling* são mais raros: ARMSTRONG, Walter. **Wrestling**. New York: Frederick A. Stokes Company, 1890; HITCHCOCK, E.; NELLIGAN, R. **Wrestling: catch-as-catch-can style**. New York: American Sports Publishing Company, 1912; SMITH, E. **Professional wrestling**. New York: American Sports Publishing Company, 1912.

92 WALKER. **Defensive exercises; comprising wrestling as in...** Walter Armstrong também faz esse mesmo tipo de levantamento, acrescentando também em sua obra a luta escocesa, francesa, alemã e japonesa, além da variação inglesa de Lancashire. ARMSTRONG. **Wrestling**.

93 BODDY. **Boxing**, p. 91.

94 “a beleza do boxe é bater limpo, proteger, defender e evitar golpes com juízo, tudo o que depende do olho, mas agarrar, mais propriamente, pertence ao *wrestling*.” LEMOINE. **Modern manhood, or, The art and practice of English Boxing...**, p. 87.



O estudo das histórias dessas modalidades – das incontáveis redes de relações e significados sociais que as envolvem ao longo do tempo – leva a questionar a afirmação de uma “evolução” dos sistemas de luta rumo a um estado de crescente e pura “eficiência”. Na contemporaneidade, esse mito foi, e ainda é, utilizado de maneira muito intensa como propaganda de campeonatos e programas milionários (ou nem tanto) de MMA, como *Pride* e o *UFC*.⁹⁵ Neles, um ambiente supostamente “neutro” de combate entre dois atletas e o mínimo de regras limitando-os, revelaria as técnicas que “realmente funcionariam” dos sistemas de luta e escolas de artes marciais tradicionais, como lemos até hoje no *website* dessa última organização, que se apresenta “as a competition to determine the most effective martial art for unarmed combat situations”⁹⁶. Obviamente, tal cenário de “neutralidade” também foi construído em relações, objetivos e valores particulares, que imbricam-se intimamente com padrões e paradigmas técnicos específicos que os acompanham.

95 *Pride Fighting Championship* foi um evento de lutas mistas fundado em meados da década de 1990 no Japão. Teve seus direitos comprados pelo UFC em 2007 e logo em seguida foi descontinuado. O *Ultimate Fighting Championship* foi criado nos EUA por volta de 1993 e obteve grande sucesso de audiência por suas lutas transmitidas em *pay-per-view* para vários países; tornou-se a maior empresa de organizações de lutas de MMA ao absorver seus maiores concorrentes, como o *Pride* e a *World Extreme Cagefighting*. Um estudo interessante sobre as relações entre diferentes modalidades de luta no Brasil, como o boxe, wrestling (luta romana), capoeira e jiu-jitsu no início do século XX é LISE, Riqueldi. **Entre diretos, cinturas avant, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)**. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Educação Física, Curitiba, 2014.

96 “como uma competição para determinar a mais efetiva arte marcial para situações de combate desarmado”. Disponível em <<http://www.ufc.com/discover/sport>>. Acesso em: 05/01/2017.